

A atuação das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo: A fé operante pela caridade

*Marcelo Massao Osava*¹

Resumo: Nesse trabalho temos por interesse apresentar a participação das mulheres nos primeiros séculos do cristianismo, em relação ao modo como se dedicaram à caridade e cuidado com os mais necessitados, e, assim, de que maneira contribuíram para o desenvolvimento das comunidades cristãs. Apesar de toda a discriminação, a atuação das mulheres foi marcada por ações de assistência aos mais necessitados, com especial atenção aos órfãos e viúvas. Apesar de também terem contribuído no estabelecimento da ortodoxia da fé, em períodos teologicamente conturbados, é através das obras de caridade, que as mulheres são um pouco mais reconhecidas. Paulo, na carta aos Gálatas, deixa claro a relação entre a ortodoxia e a práxis, ao declarar que a fé opera pela caridade. As mulheres atuaram nas duas frentes, ou seja, por um lado, embora esquecido, trabalharam no ensino e defesa da ortodoxia, e por outro, vivenciaram a fé, atuando na caridade. Exatamente por conhecerem bem os fundamentos da doutrina, é que puderam colocar em prática, com afinco, o amor ao próximo. A partir da Sagrada Escritura, e textos de alguns Padres da Igreja, é possível identificar que as mulheres, atuando na caridade, tiveram a mesma relevância dos homens no desenvolvimento do cristianismo.

Palavras-chave: Mulheres. Cristianismo. Caridade. Fé. Ortodoxia.

INTRODUÇÃO

As primeiras testemunhas do acontecimento que fundamenta o cristianismo, ou seja, a ressurreição de Jesus Cristo, não foram os apóstolos, mas, algumas mulheres, entre elas “Maria Madalena, Joana e Maria mãe de Tiago. Também as outras, que estavam com elas, contaram essas coisas aos apóstolos” (Lc 24,10). O relato de Lucas é essencial para constataremos que as mulheres não eram figuras anônimas no rol dos discípulos de Jesus, pois, o fato de serem nomeadas pelo menos três delas, revela que eram conhecidas na comunidade, certamente exercendo alguma liderança no movimento cristão. Segundo Reimer (2013, p. 48) o trecho do evangelho narrado por Lucas, indica que, tanto a espiritualidade, quanto a liderança de mulheres no movimento de Jesus, faz parte de uma tradição que remonta aos primórdios da Igreja. A partir dos relatos evangélicos, também é possível constatar que as mulheres receberam do próprio Jesus, em primeiro lugar, o mandato missionário para anunciar a ressurreição: “Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá me verão” (Mt 28,10). Os relatos evangélicos não deixam dúvidas de que as mulheres, sobretudo no cristianismo nascente, exerceram um grande protagonismo no anúncio do Reino de Deus a partir da ressurreição de Jesus Cristo. De acordo com Mocellin (2005, p. 50), as mulheres, juntamente com os escravos, tiveram um papel relevante na difusão do cristianismo.

¹ Mestre e doutorando em Teologia Sistemático-Pastoral – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. marcelorb@gmail.com

Em um ambiente marcado pela desvalorização de sua própria dignidade, as mulheres cristãs, com a força irradiada do Cristo Ressuscitado, se colocaram à disposição do anúncio e propagação do Reino de Deus. As mulheres entravam no discipulado, e seguimento à Jesus, de várias formas, e nos evangelhos, “não há narrativas que as coloquem restritas à casa, ao casamento e à procriação e cuidado de filhos e filhas” (REIMER, 2013, p. 77). O papa João Paulo II (1998, p. 13), na carta apostólica *Mulieris dignitatem*, deixa bem explícito que o próprio Jesus elevou a dignidade da mulher e que, tanto em suas palavras, quanto em seu comportamento, “não se encontra nada que denote a discriminação, própria do seu tempo, da mulher. Ao contrário, as suas palavras e as suas obras exprimem sempre o respeito e a honra devidos à mulher”.

Muitas mulheres foram reconhecidas, no início do cristianismo, em várias frentes de atuação, como, por exemplo, a ordem das virgens, das viúvas, das diaconisas, das monjas, e das mártires. As mulheres desempenharam um papel importante em relação ao estudo da Sagrada Escritura e no ensino da doutrina. Vide, dentre muitos outros casos, por exemplo, a atuação de Macrina junto aos seus irmãos Basílio e Gregório de Nissa (séc. IV), e também Marcela, companheira de estudos de Jerônimo (séc. V). Embora seja comum nos livros de história do cristianismo, encontrar destaques, dignos e merecidos, da atuação e importância dos Padres da Igreja, sem, contudo, oferecer quase nenhum relato da participação de mulheres no início do cristianismo, a própria história é testemunha de que alguns Padres tiveram ao seu lado a companhia de grandes mulheres, sejam elas, teólogas, viúvas, monjas, mártires ou diaconisas. Engana-se quem supõe que, nos primórdios do cristianismo, fazer teologia era uma tarefa primariamente delegada aos homens e que as mulheres não ofereciam nenhum tipo de contribuição. De acordo com Alexandre (1990, p. 549) “as mulheres empenharam-se também nas querelas teológicas, com o ardor da sua fé, da sua cultura profana e religiosa, das suas influências nestes mesmos círculos”.

Mas, a atuação das mulheres, no cristianismo nascente, também foi marcada por ações de assistência aos irmãos e irmãs necessitados. De acordo com Fabris (1986, p. 67), “a presença, e o papel das mulheres na Igreja, segundo o autor da primeira carta a Timóteo, concentra-se essencialmente na atividade de assistência aos necessitados”. Se por um lado, as ações em favor do estabelecimento da ortodoxia da fé, por parte das mulheres, praticamente ficaram esquecidas no tempo, por outro, as atividades caritativas foram colocadas em evidência.

1 A FÉ AGINDO PELA CARIDADE

A prática da caridade por parte das mulheres é testemunhada em passagens da Sagrada Escritura, sobretudo no Novo Testamento. No livro dos Atos dos Apóstolos é narrada a história da ressurreição de Tabita, por intermédio da oração de Pedro (At 9, 36-43). Tabita era uma das mulheres que ajudava outras mulheres e homens na organização da comunidade, sobretudo praticando a caridade. Conforme Reimer (1995, p. 59), não é possível negar a importância dessa mulher na comunidade que se estabelecia, pois, se a sua memória foi preservada, teve como objetivo “incentivar outras mulheres e homens à prática do discipulado de Jesus

Cristo, que abrange desde o anúncio e o testemunho da Palavra até o fato de colocar o fruto do trabalho à disposição de pessoas necessitadas”. Assim, podemos afirmar que a ortodoxia da fé e a práxis se complementam.

Embora as palavras de Paulo sejam, quase sempre, interpretadas de forma polêmica sobre o seu posicionamento em relação à participação das mulheres na Igreja, os seus próprios escritos não deixam dúvidas de que, durante as suas viagens, sempre encontrou, ou teve a companhia de grandes mulheres, que o auxiliaram na evangelização. De forma breve, podemos relatar, por exemplo, o caso de Febe, diaconisa da Igreja em Crencreia (Rm 16, 1). Independente do que a função de diaconisa quisesse representar naquele tempo, em termos institucionais e litúrgicos, o fato é que, por ter sido recomendada e apresentada por Paulo, indica que Febe tinha uma relevância na comunidade, seja por sua liderança ou serviço. Provavelmente, como diaconisa, atuava, não apenas auxiliando no batismo de outras mulheres, mas também na assistência aos mais necessitados. O capítulo 16 da carta aos Romanos é interessante, pois demonstra o apreço de Paulo por várias mulheres, que foram suas colaboradoras: Prisca, Maria, Júnia, Trifena, Trifosa, Pérside, Júlia, Olimpa. Assim, é preciso também uma desmistificação sobre a relação de Paulo com as mulheres, vistas, quase sempre de modo injusto, em sentido pejorativo por parte do apóstolo.

Paulo, na carta aos Gálatas, deixa claro a relação entre a ortodoxia, representada pela fé, e a práxis, representada pela caridade: “Estar circuncidado ou incircunciso de nada vale em Cristo Jesus, mas sim a fé que opera pela caridade” (Gl 5, 6). As mulheres, no início do cristianismo, atuaram em duas frentes, ou seja, por um lado, embora esquecido, eram ativas no ensino e defesa da doutrina, e por outro, vivenciaram a fé na prática, atuando na caridade. Boff (2012, p. 120), comenta a respeito da relação fé e práxis:

A práxis animada pela caridade corresponde à *fides formata*. Quer se chame obediência, serviço, compromisso ou ação, a práxis é um componente integrante da fé. É a fé informada, concreta, completa e encarnada, inclusive no âmbito social, em termos de justiça, solidariedade e libertação. É, de certa forma, a fé acabada, cumprida, consumada, terminada.

Tomás de Aquino (ST II-II., q. 4, a.4), disserta que a práxis animada pela caridade corresponde à *fides formata*: “Sobre a passagem citada Carta de Tiago, ‘A fé sem obras é morta’, a Glosa diz: ‘por elas revivesce’. Logo, a fé, antes morta e informe, torna-se formada e viva”. Se, por um lado, as mulheres foram relegadas em relação à sua função institucional na Igreja, por outro, se destacaram na prática da caridade. E, se as mulheres exerciam o serviço ao próximo, de maneira intensa, eram certamente movidas por algo maior, não o simples ‘fazer por fazer’, ou seja, eram animadas pelo amor e conhecimento que tinham de Jesus Cristo. De acordo com Schmaus (1978, p. 171), “a ortopraxis supõe a ortodoxia”.

Uma prática comum, sobretudo na Roma Antiga, era o evergetismo, ou seja, os ricos e poderosos ofereciam à comunidade vários tipos de benesses, como, por exemplo, a instalação

de banhos públicos, bibliotecas e templos. É exatamente nesse contexto, que muitas cristãs irão ganhar o seu lugar de destaque, sobretudo a partir do século IV. São muitos os casos de mulheres ricas que, depois de se converterem ao cristianismo, doaram fortunas e heranças, em benefício da comunidade cristã. Outras, não apenas doaram bens, mas também fundaram instituições para o atendimento e bem estar da população em geral. Por exemplo, o primeiro hospital em Roma foi fundado por uma aristocrata chamada Fabíola (final do século III), que havia sido instruída na fé por outra mulher, Marcela, discípula de Jerônimo. Conforme Alexandre (1990, p. 550), “depois da sua penitência por causa de um divórcio seguido de um novo casamento, funda, sendo a primeira a fazê-lo em Roma, um hospital (nosokómion) onde cuida de enfermos e doentes”. Woods (2010, p. 166), também destaca a caridade e o pioneirismo da nobre romana: “Em um ato de penitência cristã, uma mulher chamada Fabíola fundou o primeiro grande hospital público em Roma”. Ainda, de acordo com o autor, ela não apenas fundou o hospital, mas “percorria as ruas em busca de homens e mulheres pobres e enfermos necessitados de cuidados”. O próprio Jerônimo (séc. IV) escreveu um comentário sobre a atuação de Fabíola “Havia uma pessoa nua ou acamada que não estava vestida com as roupas fornecidas por ela? Já houve alguém que precisasse e a quem ela deixasse de dar um suprimento rápido e sem hesitar? Mesmo Roma não era grande o suficiente para sua piedade” (SWAN, 2001, p. 136). Não é de pouca monta o fato de uma mulher, cristã, ter sido a fundadora de um hospital em Roma.

Por volta do ano 385, nasceu Melânia (a Jovem), oriunda da uma família nobre de Roma. Porém, antes de narrar um pouco da sua vida, é preciso comentar também sobre a sua avó, Melânia (a Anciã), que, provavelmente, foi uma fonte de inspiração para a jovem. De acordo com White (2010, p. 53), “Melânia [a Anciã] fundou um mosteiro em Jerusalém, onde viveu por 27 anos na companhia de cinquenta virgens”. E, conforme Alexandre (1990, p. 552), acolheu no mosteiro, junto com Rufino “todos os que por aí passavam para rezar: bispos, monges e virgens, edificando-os e ajudando-os com os seus bens... eles ofereciam ao clero da cidade dádivas e alimentação”. Não é de se estranhar que a neta da Anciã, viesse a ter as mesmas disposições, seja em relação à vida ascética, seja na prática da caridade. A jovem Melânia teve como biógrafo o seu próprio mentor espiritual, um sacerdote chamado Gerônimo. De acordo com os escritos, Melânia embarcou em uma grande viagem espiritual, ou seja, trocou a vida abastada da nobreza, pela ascética. Melânia casou-se com Plínio, quando tinha apenas quatorze anos, e, no começo do matrimônio, tentou persuadir ao marido para que vivessem como irmãos, de modo que pudessem levar uma vida casta. O marido fez a proposta de gerarem filhos a fim de garantir a sucessão de sua família, após, ele pensaria na possibilidade sugerida pela esposa. O casal teve duas filhas, sendo que uma, após complicações no parto, veio a falecer pouco tempo depois de ter sido batizada. Após o ocorrido, em comum acordo, passaram a viver o voto de castidade no matrimônio, até mesmo porque, Melânia iria correr risco de vida, caso engravidasse novamente. Um tempo depois, a outra filha do casal também faleceu, fazendo com que, por iniciativa de Melânia, os dois passassem a buscar de forma mais plena a vida ascética. Assim, de acordo com Salisbury (1995, p. 143), “eles deram início a suas vidas cristãs praticando boas ações, como visitar doentes, distribuir esmolas aos pobres

e libertar aqueles que haviam caído na servidão por razões financeiras”. Conforme Souza e Venturini (2017, p. 2028), o casal entendia que, para chegar à Cristo, era preciso que se libertassem das riquezas, e por isso, “eles começaram a vender suas propriedades e bens além de adotarem a prática constante da caridade e do ascetismo religioso”. A riqueza que o casal renunciou era impressionante, composta de uma fortuna extraordinária, “com um rendimento anual de 12 miríades de ouro, bens móveis inumeráveis, milhares de escravos que libertam ou vendem” (ALEXANDRE, 1990, p. 552). Um detalhe interessante, constante na biografia de Melânia, é o fato de que lia o Antigo e o Novo Testamento em torno de três ou quatro vezes por ano (GERÔNICO, 2015, p. 1162), comprovando assim que as mulheres, certamente, muito contribuíram no ensino da Sagrada Escritura nos primeiros séculos do cristianismo. De acordo com os registros de Gerônimo, é possível constatar que todas as iniciativas do casal, seja pela procura de uma vida ascética, seja pela prática da caridade, eram iniciativas suscitadas em primeiro lugar por Melânia e seguidas pelo marido.

No ano de 391, em Constantinopla, a viúva Olímpia foi ordenada diaconisa pelo bispo Nectário. Sua trajetória pode ser lembrada, junto às outras mulheres já citadas anteriormente, pois, sua atuação muito contribuiu para o cristianismo, sobretudo no século IV. Olímpia foi uma amiga muito próxima de João Crisóstomo, de modo que esse lhe escreveu dezessete cartas. Olímpia ficara viúva do prefeito Nebrídio, após somente vinte meses de casamento, e com isso, herdou a fortuna do marido. Foi acusada por Teodósio de gastar inconsequente sua herança e sofreu pressão para que se casasse com Elpídio, parente do imperador. Porém, manteve-se firme em seu propósito de permanecer viúva. De acordo com Almeida (2017, p. 223), com a sua recusa, teve os bens, que eram muitos por sinal, colocados sob a guarda do prefeito Clementino, até que completasse os trinta anos de idade. A autora também destaca o fato de que Olímpia teve negado o seu acesso à Igreja, e assim, não seria possível encontrar-se com “bispos notáveis, pois alguns temiam que Olímpia fosse procurada com interesses financeiros e que, com sua riqueza sendo distribuída a inúmeras delegações de clérigos que buscavam dinheiro, todo o clero grego ficariam em débito com ela”. As doações de Olímpia e suas ações em favor da caridade foram inúmeras, além de ter libertado vários escravos domésticos. Conforme Almeida (2017, p. 224), “além de hospital e abrigo para os pobres, fundou também um monastério, no qual construiu uma passagem para o átrio da igreja. Cinquenta de suas servas uniram-se a ela em sua vida monástica, bem como suas duas irmãs Martíria e Paládia, além de Elisantia”. De acordo com Alexandre (1990, p. 552), “os seus cuidados com os ascetas, virgens, viúvas, órfãos, velhos e pobres são celebrados, assim como o cuidado que ela toma com a alimentação de João, perseguido no próprio exílio! Impressionante enumeração que diz bem da composição de uma imensa fortuna”.

Outras histórias e testemunhos, que corroboram a capacidade intelectual e a atuação das mulheres na prática da caridade, nos primeiros tempos do cristianismo, podem ser encontrados, mas, ainda existem muitos outros que precisam ser descobertos, ou melhor explorados e trazidos à luz na história.

CONCLUSÃO

A participação das mulheres, nos primórdios do cristianismo, foi tão intensa e relevante quanto a atuação dos homens. O fato é que, por questões culturais e sociais, essa relevância, muitas vezes, acabou esquecida na história do cristianismo. É um ledô engano imaginar que a mulher cristã, nos primeiros séculos, tinha a sua atuação delimitada apenas ao âmbito caseiro, ou seja, que ficasse restrita aos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Procuramos demonstrar, mesmo que de forma breve, que a atuação das mulheres, nos primeiros tempos do cristianismo, ocorreu em várias frentes, de modo que é possível encontrar vários testemunhos de suas atuações lado a lado com os homens.

As mulheres desempenharam funções de primeira grandeza, como, por exemplo, no estudo da Sagrada Escritura. Como ignorar a importância e a capacidade intelectual de uma Macrina, que ensinava para os seus célebres irmãos, Basílio e Gregório de Nissa? Ou então, o que dizer de Marcela, que foi uma grande companheira nos estudos de Jerônimo, talvez o maior conhecedor da Sagrada Escritura de todos os tempos? Um mergulho mais profundo, nas águas que banharam os primeiros séculos do cristianismo, certamente, irá trazer à tona muitas outras cristãs que foram relevantes nos estudos e também nas questões teológicas mais espinhosas daquele período. Se, por um lado, as mulheres ficaram esquecidas, por outro, pelo menos, ganharam um pouco mais de notoriedade, como por exemplo, àquelas que atuaram diretamente no serviço aos mais necessitados.

Na fé que opera através da caridade, muitas cristãs deram à vida em favor do próximo. É a fé legitimamente madura, formada e pronta para enfrentar os maiores desafios, até o extremo, se fosse preciso, de morrer pela causa de Jesus Cristo. Nesse sentido, temos não apenas aquelas reconhecidas como as mártires de fato, mas também as que se dedicaram à uma vida entregue aos cuidados dos outros irmãos e irmãs. O que falar de uma Fabíola, nobre romana, considerada a fundadora do primeiro hospital em Roma? Ou, o que comentar a respeito da viúva Olímpia, diaconisa e companheira de João Crisóstomo, possuidora de muitos bens e que praticamente doou toda a sua fortuna para a Igreja? Poderíamos dizer que são exemplos de mulheres à frente do seu tempo? Sim, mas talvez, o mais correto seja afirmar que elas são mulheres do seu tempo, ou seja, conhecedoras e praticantes do Evangelho.

A figura de Maria, Mãe de Jesus, mulher forte, “discípula por excelência entre os discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2009, p. 203). Que uma Mulher, a Virgem, seja o modelo, não apenas de fé, mas, sobretudo, de como entregar a própria vida no serviço ao próximo, em ser realmente a Igreja em saída proposta pelo Papa Francisco, pois no final das contas, “em Jesus Cristo, o que vale é a fé agindo pelo amor” (Gl 5, 6).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Monique. *Do anúncio do Reino à Igreja. Papéis, ministérios e poder feminino*. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente. Volume I: A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 512-563.
- ALMEIDA, R.S. *Vozes femininas no início do cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2017.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 5., 2007, Aparecida do Norte. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe : 13-31 de maio de 2007*. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- GERÔNIO. Vida de Santa Melânia. In: CORDEIRO, J. L. (org.), *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015, p. 1162-1163.
- JOÃO PAULO II, PP. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- MOCELLIN, Renato. *As mulheres na antiguidade*. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.
- REIMER, Ivone Richter. *Maria, Jesus e Paulo com as mulheres*. Textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.
- REIMER, Ivone Richter. *Vida de Mulheres na Sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- SALISBURY, J.E. *Pais da Igreja, Virgens Independentes*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1995.
- SCHMAUS, Michael. *A fé da Igreja - vol. 1*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SOUZA, Murilo Moreira; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *As ações cristãs na biografia de Melânia, a Jovem*. In: Congresso Internacional de História, VIII., 2017, Maringá. Anais... Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017. p. 2023-2030. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3623.pdf>. Acesso em: 15 maio 2021.
- SWAN, L. *The Forgotten Desert Mothers: sayings, lives, and stories of early christian women*. New Jersey: Paulist Press, 2001.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica: II seção da II parte, questões 1-56*. São Paulo: Loyola, 2004. v. 5.
- WHITE, C. *Lives of roman christian women*. London: Penguin Books, 2010.
- WOODS JR., Thomas E. *Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental*. São Paulo: Quadrante, 2008.